

Rever, o retrato ressignificado

'Rever': the (re)signified portrait

SANDRA MARIA LÚCIA PEREIRA GONÇALVES*

Artigo completo submetido a 26 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro de 2014

*Brasil, artista visual. Graduação em Comunicação Visual na Escola de Belas-Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado e Doutorado em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora e pesquisadora na área da fotografia, UFRGS, Fabico, Departamento de Comunicação.

AFLIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), Departamento de Comunicação. Rua Ramiro Barcelos, 2705 — Campus Saúde — Porto Alegre — RS — CEP 90035-007, Brasil. E-mail: sandrapgon@terra.com.br

Resumo: O artigo que apresento tem como foco o trabalho da artista visual brasileira Rochele Zandavalli (1980), mais precisamente a série Rever. A série em questão possui como temática principal o retrato fotográfico. Para além da imagem registro, a artista propõe um novo ponto de partida para outras estórias. Portanto a proposta é a de refletir acerca da apropriação e ressignificação do retrato fotográfico feita por Zandavalli na série Rever. Pensar o modo como a artista potencializa o novo nessas imagens, pensar a poética construída. O referencial teórico escolhido inclui autores como Fabris (2004), Barthes (1984), Fatorelli (2003) e Rouillé (2009) e relatos da própria artista (2012).

Palavras chave: retrato fotográfico / Rever / ressignificação.

Abstract: *The article I present focuses on the work of Brazilian visual artist Rochele Zandavalli (1980), most precisely the series "Review". This series has the photographic portrait as the main theme. Beyond register-image, the artist proposes a new bottomline to other stories. Therefore the proposition is to think over appropriation and ressignification of the photographic portrait done by Zandavalli in the series "Review". It is to think the way that the artist potentiates the new in those images, to think the poetics built. Theoretical references are Fabris (2004), Barthes (1984), Fatorelli (2003) and Rouillé (2009), as well as the artist herself (2012).*

Keywords: *meta-paper / conference / referencin*

Introdução

O artigo que apresento tem como foco o trabalho da jovem artista visual brasileira Rochele Zandavalli (1980), mais precisamente a série *Rever*, apresentada no Santander Cultural na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil no ano de 2012. A série em questão possui como temática principal o retrato fotográfico. Entretanto não encontramos aí o papel que lhe foi imputado ao longo da história, o de forjar identidades. Zandavalli nos propõe exatamente o oposto. São imagens de anônimos, adquiridas em diferentes partes do mundo, retrabalhadas pela artista através de técnicas diversas como o bordado e/ou a pintura. Não são o que esperamos ver ao vê-las. Para além da imagem registro, contaminada de lembranças, a artista nos propõe um novo ponto de partida para outras histórias, urdidas por ela e por nós.

A proposta que aqui se coloca é a de refletir acerca da apropriação e ressignificação do retrato fotográfico feita por Zandavalli na série *Rever*. Para tanto, é preciso pensar o modo como a artista potencializa o novo nessas imagens, pensar a poética construída. O referencial teórico escolhido inclui autores como Fabris (2004), Barthes (1984), Fatorelli (2003), Rouillé (2009) e relatos da própria artista (2012).

1. O percurso criativo

Na série proposta, *Rever*, a artista alinhava diferentes elementos recorrentes em seu processo criativo, ligados significativamente ao trabalho desenvolvido no laboratório químico fotográfico, berço de sua formação em Artes Visuais. Seu contato com a fotografia teve início na graduação em Comunicação Social, que não concluiu, na Universidade federal do Rio Grande do Sul. Após transferência para o Bacharelado em Artes Visuais na mesma universidade, Zandavalli manteve o vínculo com o laboratório fotográfico da primeira graduação. No Núcleo de Fotografia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), exercendo funções variadas como monitora das disciplinas de fotografia, monitora do Laboratório de Fotoquímica e professora junto aos cursos de Extensão em Fotografia promovidos pelo Núcleo, a artista desenvolveu seu gosto bem como o “[...] fascínio relacionado aos materiais, à formação da imagem na câmera obscura, à projeção, à cor, às reações e às transformações envolvidas no processo fotográfico de base química” (Zandavalli, 2012: 15). Tais fatores foram determinantes na relação da artista com o processo fotográfico e nos resultados que obteve com ele, vale dizer, criando uma linguagem e poética próprias.

Tal imersão, portanto, marca o percurso artístico de Zandavalli, contribuindo de modo significativo para a linguagem e a poética daí resultante. Marque-se



Figura 1 · Rochele Zandavalli, *Mareados*, série *Rever*: retratos resignificados, 2009-2012. Fotografia apropriada e bordada. 9 x 12 cm. Fonte: catálogo da exposição *Rever* (2012).

que a opção pelo processo analógico/químico/manual, contexto e condição das imagens com que trabalha, permeia todos os procedimentos utilizados, desde a apropriação de imagens já existentes, as montagens e justaposições, as colorizações, os bordados, os textos sobrepostos às imagens até a ficcionalização dos retratados (Zandavalli, 2012), como se pode observar, por exemplo, na imagem a seguir (Figura 1).

Observa-se uma mulher deitada na areia de uma praia, de costas para o mar. Ela posa com um leve sorriso dirigido muito provavelmente ao fotógrafo (um parente ou amigo). A frase bordada pela artista, agora parte da imagem, “não gosto de olhar muito o mar, perco o interesse pela terra” torna a imagem até então banal, misteriosa. Essa mulher anônima ganha ares de complexidade e nos coloca frente a um enigma a ser decifrado. O “isso foi” barthesiano (Barthes, 1984), com a intervenção de Zandavalli, adquire novas possibilidades, virtualidades até então não contidas na imagem. Então, com o gesto final da artista uma nova referência, atualizada, é criada. Como consequência, através das hibridizações que provoca, Zandavalli cria um suplemento na imagem — visto como um intensificador de reflexão e pensamento. Tal suplemento caracteriza a Imagem Cristal (Fatorelli, 2003).

1.1 A Imagem Cristal

A Imagem Cristal, conceito operador da produção fotográfica criativa, e, portanto operante aqui, é aquela, segundo Fatorelli (2003), pesquisador e fotógrafo brasileiro, em que o que predomina não é mais “[...] as variáveis preexistentes à imagem [...] temporalmente localizáveis e espacialmente identificáveis [...]”, (2003: 32). Ou seja, a coisa em si que um dia existiu. Autônomas, essas imagens, livres “[...] do vínculo remiscivo de origem situam-se em um presente sempre renovado que desperta um passado e prenuncia um futuro igualmente abertos” (2003: 33). A Imagem Cristal cria/ possibilita um hiato ou falha, “uma perturbação visual ou cognitiva, que estabelece essas novas relações da imagem com o virtual” (Fatorelli, 2003:33). Essas imagens são como presentificações, atualizações expressas em dados arranjos do visível. Elas provocam a suspensão do aqui e agora (mobilizam diferentes extratos temporais e espaciais), possibilitando nexos com um imaterial e propiciam uma aventura da percepção. Na imagem Cristal já não importa o que é real ou imaginário, porém o caminho do meio, também buscado por Zandavalli na série aqui trabalhada.

Creio que a série *Rever* possui as características elencadas da Imagem Cristal. Sua potência se configura na ampliação do universo do visível, na possibilidade de mobilizar múltiplas temporalidades que se presentificam na visada do leitor. Como já dito, são imagens suplementares e o dialogismo é sua condição de realização. Com tal conceito, percebe-se e se expõe uma questão cara a artista que é a de refletir sobre o grau de aderência das imagens à referência. Nota-se que esta aderência é variável, havendo cargas diferentes de subjetividade ou objetividade de acordo com as relações estabelecidas dessas mesmas imagens com o tempo e com o espaço.

1.1.1. Questões caras à artista

Considero importante marcar que no trabalho desenvolvido por Zandavalli há uma busca por certa materialidade física das imagens. Há uma valorização da condição objetual da imagem. Tal materialidade permite que se percebam os efeitos conceituais deixados pelo uso da tecnologia analógica e pelo gesto manual da artista (linhas, bordados, textos e cores acrescentados às imagens). Essa valorização cria uma linha condutora para a inserção do leitor na ficção proposta. Pode-se dizer que artistas como Zandavalli, que valorizam o físico e o material no processo fotográfico, não encaram o suporte como inerte e neutro na composição de sua obra (Cotton, 2010).

Ainda sobre questões caras à artista e complementando o exposto acima, percebe-se uma preocupação, pelas escolhas feitas, com aquilo que perece, que gasta, vinca, enruga e morre. O processo analógico, em preto e branco,

potencializa essas questões — as imagens em preto e branco marcadas pela passagem do tempo trazem de modo contundente a temática da finitude humana.

Outra questão importante é a ideia de palimpsesto que transpassa a série *Rever*. As imagens apropriadas e ressignificadas trazem marcas de sua errância traduzida em um apagamento inicial, uma espécie de marca d'água que permite vislumbrar anterioridades. O amarelado das cópias, as dobras e ranhuras do papel, um figurino de época dão pistas de um tempo a muito passado. Sobre essa superfície original, preenche de uma memória alheia, outras camadas são acrescentadas através de bordados e cores: novos diálogos vão se construindo. Todavia, essas imagens desterritorializadas e ressignificadas trazem latente uma história adormecida.

2. Retratos fotográficos ressignificados

A série *Rever*, como exposto na introdução deste artigo, possui como temática principal o retrato fotográfico. Todavia, não encontramos aí o papel que lhe foi imputado ao longo da história: o de forjar identidades e servir de moldura para uma individualidade. O retrato ressignificado proposto por Zandavalli não passa pela questão bathesiana do contato da coisa que um dia existiu e tocou a superfície fotossensível “que, por sua vez, meu olhar vem tocar” (Barthes, 1984: 122). Nessas imagens o que se busca não é congelar no tempo os valores individuais do sujeito representado, dando-lhe um lugar na história, mas ao contrário, criar estórias, fabular novos destinos e possibilidades.

Diferentemente do historiador, que busca no retrato fotográfico fugazes e efêmeras figuras humanas congeladas em uma pose — a reconstrução de uma realidade passada através da compreensão daquilo que vê — Rochele Zandavalli tem como proposta outra aventura. Suas escolhas envolvem imagens fotográficas antigas, de rostos anônimos pertencentes a indivíduos perdidos no tempo, esquecidos em bancas de feiras e biques. São imagens desgarradas de um passado que as ancore, e o intento da artista não é o de fazer ressurgir a vida preservada na latência da imagem fotográfica. Tampouco se interrogar sobre as origens de cada uma dessas imagens, coletadas ao longo de três anos em diferentes cidades, biques e antiquários das Américas e Europa. Como diz Zandavalli, “Um dos únicos pressupostos para que um determinado retrato possa participar da série, é o de ter total ou parcialmente oculta sua trajetória anterior” (2012: 1). Interessa à artista o desconhecimento do percurso dessas imagens, seu desejo não é a memória encapsulada na superfície bidimensional. Sua poética aspira dar as imagens da série outras estórias, possíveis através de suas interferências. Tais interferências provocam reconfigurações que permitem a



Figura 2 · Rochele Zandavalli, *Série Rever: retratos ressignificados*, 2009-2012. Fotografia apropriada e bordada. 22 x 28 cm. Fonte: catálogo da exposição *Rever* (2012).

Figura 3 · Rochele Zandavalli, *Série Rever: retratos ressignificados*, 2009-2012. Fotografia apropriada e bordada. 15 x 10 cm cada. Fonte: catálogo da exposição *Rever* (2012).

artista e aos observadores de sua série fabular mais livremente novos afetos e potencializar novas memórias não mais apegadas ao puro índice fotográfico — nessas imagens o retratado torna-se outro, um ser fabulado e ficcionado.

Na imagem a seguir (Figura 2), uma típica fotografia de família, clássica de um álbum — álbuns, a princípio, guardam memórias visuais de família —, observa-se a estrutura parental de uma família que se construiu para a pose (Rouillé, 2009). Pode-se imaginar que o casal mais idoso, central na imagem, são os patriarcas. Pela semelhança dos traços, é possível serem os pais do homem em pé à direita de quem olha a fotografia. A mulher no extremo oposto, à esquerda, provavelmente a filha solteira. A jovem prole, formada por quatro crianças são possivelmente os filhos do casal à direita e netos dos patriarcas. Não parecem abastados. As conjecturas feitas poderiam ter uma resposta certa dada por um historiador, mas não é isso o buscado por Zandavalli. Evidente que tais elucubrações mentais sempre estarão presentes, são provocadas pelo rastro dessas antigas presenças, além do que, na visada, certa tendência projetiva é ativada por quem lê a imagem.

Enfim, por sobre a camada referencial e temporal que é dada a ver na fotografia, a artista acrescenta uma nova camada, ficcional, criada pela presença dos bordados sobre a superfície da imagem: pássaros coloridos e tropicais pousados por sobre os ombros dos personagens retratados, como anjos da guarda ou animais de estimação (criam um alvoroço). Apenas em dois personagens eles voam, como que em abandono do grupo. A pequena menina que pousa a mão na perna da provável avó, não recebeu nenhum bordado da artista. As presenças e ausências anunciadas (pelos bordados) fabulam devires, desarranjam o papel moral que, de acordo com Fabris, “[...] transforma o retrato no exemplo visível de virtudes e comportamentos a serem partilhados pela sociedade” (2004: 39). Zandavalli realiza uma espécie de iconoclastia sobre o modelo original. Não se sabe bem se ironiza ou brinca. O que se sabe é que essa imagem se transforma em um Cristal.

Na sequência observa-se uma nova imagem (Figura 3), em díptico, com três meninas representadas, possivelmente irmãs. Essa imagem díptica é formada por duas fotografias cuja base referencial é a mesma. Ambas as fotografias receberam bordados, uma das características do gesto apropriativo de Zandavalli, tornando-se singulares. Elas tecem entre si um diálogo que, entre outras coisas, remete a condição de múltiplo da fotografia, mas que paradoxalmente, não replica o mesmo (os bordados acrescentados transformam as fotografias gêmeas em outras; existe também uma pequena diferença de densidade entre as fotografias). O símbolo do infinito, bordado como uma espécie de óculos, na

fotografia à direita de quem olha, e o bordado da palavra “finito” na imagem à esquerda, indicam a condição histórica do indivíduo, remetendo a questões relacionadas à finitude humana, temática que perpassa o trabalho da artista. Chama atenção na fotografia à esquerda, o adereço bordado na cabeça de uma das meninas, central em relação às duas outras, lembrando uma melindrosa, figura feminina que marcou os anos 1920, retirando a seriedade proposta pela pose original. Enfim, são múltiplos e diversos os caminhos a seguir quando se está frente a uma imagem que se apresenta como um Cristal, como a aqui proposta por Zandavalli.

Conclusão

Sinto que ao escrever sobre o trabalho de Rochele Zandavalli fui de certo modo contaminada pelo seu método de trabalho. Como no bordado, eu tinha um risco, um desenho a seguir, mas minha agulha gráfica teceu linhas de ida e volta criando caminhos inesperados e rizomáticos (Deleuze & Guattari, 2011) como o trabalho de Zandavalli. As possibilidades de abordagem surgiram múltiplas e fui fazendo escolhas que me pareceram fazer ressonância com sua poética.

Marco que essa ressignificação do retrato fotográfico proposta pela artista também me ressignifica, torno-me com suas imagens, várias. Me pego a fabular e inventar novas referências. Deixo-me invadir por passados virtuais de minhas lembranças e permito que elas se atualizem num “entre-lugar” (passado-futuro) de reconstrução permanente ao qual se dá o nome de presente.

Referências

- Barthes, Roland (1984). *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. ISBN: 85-209-0480-7
- Catálogo de Exposição. *Rochele Zandavalli – Rever*. Porto Alegre: Santander Cultural, 2012.
- Cotton, Charlotte (2010). *A fotografia como arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes. ISBN: 978-85-7827-243-2
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix (2011). *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrênia*. Vol. I. São Paulo: Editora 34. ISBN: 978-85-85490-49-2
- Fabris, Annateresa (2004). *Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico*. Belo Horizonte: Editora UFMG. ISBN: 85-7041-401-3
- Fatorelli, Antônio (2003). *Fotografia e Viagem. Entre a Natureza e o Artificio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ. ISBN: 85-7316-323
- Rouillé, André (2009). *A Fotografia. Entre o documento e a arte contemporânea*. São Paulo: SENAC. ISBN: 97-8857-3598-766
- Zandavalli, Rochele (2012). *Rever: retratos ressignificados*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.